

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
LABORATÓRIO DE PESQUISA EM SAÚDE MENTAL - LAPSAM  
MÉTODOS DE PESQUISA QUANTITATIVA

IGOR TOMÉ SILVA SANTOS  
PEDRO HENRIQUE SILVA BATALHIONE

**ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA EM ATLETAS E GÊNERO**

SÃO JOÃO DEL-REI  
2017  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LABORATÓRIO DE PESQUISA EM SAÚDE MENTAL - LAPSAM

MÉTODOS DE PESQUISA QUANTITATIVA

IGOR TOMÉ SILVA SANTOS

PEDRO HENRIQUE SILVA BATALHIONE

**ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA EM ATLETAS E GÊNERO**

Trabalho prático da disciplina Métodos de Pesquisa Quantitativa apresentado ao Departamento de Psicologia da UFSJ para a obtenção de créditos.

Professora Marina de Bittencout Bandeira, Ph.Da

SÃO JOÃO DEL-REI

2017

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA</b> ..... | 3  |
| <b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....              | 5  |
| Contexto Teórico: .....                         | 5  |
| Contexto Empírico: .....                        | 8  |
| <b>OBJETIVOS</b> .....                          | 13 |
| <b>HIPÓTESE, VI e VD</b> .....                  | 14 |
| <b>MÉTODO</b> .....                             | 14 |
| Delineamento .....                              | 14 |
| População Alvo .....                            | 16 |
| Amostra .....                                   | 16 |
| Instrumentos de medida .....                    | 16 |
| Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) .....     | 17 |
| Questionário sociodemográfico .....             | 18 |
| Procedimento de coleta de dados .....           | 18 |
| Análise de dados .....                          | 19 |
| Considerações Éticas .....                      | 20 |
| Cronograma .....                                | 21 |
| <b>LIMITAÇÕES DA PESQUISA</b> .....             | 22 |
| <b>RESULTADOS ESPERADOS</b> .....               | 23 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....         | 23 |
| <b>ANEXOS</b> .....                             | 26 |

## FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

A ansiedade é um estado de apreensão e tensão presentes nas diversas experiências da vida de cada indivíduo, sendo que a taxa de prevalência dos transtornos de ansiedade no mundo é elevada. Segundo os dados do Atlas de Saúde Mental (2015) da Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 10% da população sofre de algum tipo de transtorno de ansiedade, o qual atinge 5,1% das mulheres e 3,6% dos homens. No Brasil, de acordo com a OMS (2015), 18,6 milhões de pessoas sofrem de algum transtorno de ansiedade, isto é, 9,3% da população brasileira. Este número representa um aumento de 15% em comparação com a taxa do ano de 2005. Além disso, é importante recordar que, entre 1990 e 2013, a quantidade de pessoas sofrendo de ansiedade no mundo já havia aumentado quase 50%, passando de 416 milhões para 615 milhões de pessoas.

Nesse contexto, o alto índice de pessoas que sofrem com ansiedade, demanda investimento na saúde e, principalmente, no acompanhamento psicológico. De acordo com os estudos de levantamento da OMS (2015), incluindo 36 países de baixa, média e alta renda, estima-se que entre os anos de 2016 e 2030, a soma de gastos para tratamentos contra os transtornos de ansiedade e também contra os transtornos depressivos, aproxima-se de 147 bilhões de dólares.

A ansiedade pode ser um estado, em certa medida, que contribui para a realização de diversas tarefas e no aumento de expectativas. No contexto esportivo, tanto os espectadores quanto os atletas sentem uma mistura de emoções com muita intensidade, as quais são despertadas por períodos de pré-competição, competição e pós-competição. De acordo com Interdonato, Oliveira, Júnior e Greguol (2010), as emoções vividas podem desempenhar um papel de apoio para a ação esportiva, mas em alto grau podem culminar em perturbações e, até mesmo em improdutividade, principalmente quando o estado de ansiedade é alterado. A ansiedade pode ser compreendida como ansiedade-traço e ansiedade-estado. A primeira se refere à predisposição de um indivíduo de sentir em maior ou menor grau a ansiedade frente a situações que vivencia, e a segunda diz respeito ao grau de ansiedade desencadeado e suas reações em função de um determinado momento, como por exemplo, um período de pré-competição para os atletas.

Os atletas, de fato, são impulsionados por seu estado de ansiedade nas práticas esportivas, mas o alto grau de ansiedade pode gerar consequências graves tanto no aspecto físico, quanto no aspecto psicológico. De acordo com Junior, Vicentim e Crespilho (2006), um estado de ansiedade altamente alterado pode levar os atletas a terem baixo desempenho

competitivo, dificuldade de coordenação motora, fadiga muscular psíquica em função da preparação intensa para os jogos e, até mesmo, a desenvolver transtornos de ansiedade. A literatura científica identifica diversos fatores que podem estar associados com o grau de ansiedade alterado em períodos pré-competitivos, tais como, o gênero, a pressão social por parte dos torcedores, a pressão por parte dos treinadores e dos pais, as críticas recebidas, a idade, os tipos de competição (amistosa, oficial, etc) e as expectativas dos próprios atletas sobre as competições. (Gonçalves & Belo, 2007, Bertuol & Valentini, 2006 e Barbacena & Grisi, 2008).

Para investigar a variável gênero, foi realizada uma busca nas bases indexadas de periódicos científicos Scielo, Medline, Google Acadêmico e Lilacs, com os descritores “ansiedade pré-competitiva”, “atletas”, “gênero”, “esporte” e “atletas brasileiros”. Foram encontrados um total de 17 estudos, que pesquisaram sobre a ansiedade pré-competitiva em atletas e sua relação com o gênero. Foram excluídas quatro pesquisas qualitativas e não se obteve acesso a cinco pesquisas. Após o levantamento bibliográfico, restaram oito pesquisas quantitativas, as quais foram analisadas com o objetivo de verificar se há diferença significativa no grau de ansiedade pré-competitiva entre homens e mulheres. Quatro dessas pesquisas não encontraram diferença significativa entre homens e mulheres no grau de ansiedade (Bertuol & Valentini, 2006; Silva, Prado & Lofrano-Prado, 2010; Salles, Oliveira, Barroso & Pacheco, 2010; e Machado, Paes, Alquiére, Osiecki, Lirani & Stefanello, 2016), enquanto três encontraram diferença significativa, com maior grau de ansiedade em atletas do gênero feminino do que masculino (Gonçalves & Belo, 2007; De Rose Junior & Vasconcellos, 1997; e Martins, Lopes Júnior & Assumpção, 2004). Uma pesquisa encontrou diferença significativa, com o maior grau de ansiedade em atletas do gênero masculino do que feminino. (Barbacena & Grisi, 2008). Portanto, é evidente que há uma contradição entre os resultados das pesquisas analisadas, o que torna necessário um esclarecimento a partir de novos estudos com esta temática.

A contradição de resultados pode ter sido decorrente de diferenças metodológicas, como por exemplo, o instrumento de medida utilizado e o tamanho das amostras. O estudo de Silva, Prado & Lofrano-Prado (2010), por exemplo, que não encontrou diferença significativa no grau de ansiedade entre os grupos, utilizou uma amostra desproporcional com 17 atletas do gênero feminino e somente 4 atletas do gênero masculino. Outro estudo, de Salles, Oliveira, Barroso e Pacheco (2010) que também não encontrou diferença significativa no grau de ansiedade entre os grupos, foi prejudicado pela mortalidade experimental dos atletas do gênero masculino do time de futsal.

O problema de pesquisa observado e identificado na literatura revisada foi a contradição de resultados sobre a prevalência do maior grau ansiedade em atletas do gênero masculino e feminino. A questão de pesquisa a ser investigada, neste projeto, é se o gênero é um fator determinante ou não para um grau de ansiedade mais elevado em atletas em períodos pré-competitivos.

## **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **Contexto Teórico**

Nas últimas décadas, os transtornos de ansiedade têm acometido milhares de pessoas na população em geral. De acordo com Sadock (2017), a ansiedade é um fenômeno investigado por diferentes teorias no campo da psiquiatria e da psicologia, e tem sido explicada por muitos pesquisadores a partir da interação entre os fatores genéticos e as experiências vividas pelas pessoas. Segundo Spielberger (1972), a ansiedade pode ser compreendida como um estado complexo de tensão e apreensão caracterizado por propriedades tanto fenomenológicas quanto fisiológicas, gerando reações somáticas, psicomotoras, sociais, etc.

A ansiedade pode ser apresentada, conforme Spielberger (2017), de duas formas diferentes, isto é, enquanto traço ou estado, a primeira corresponde às características do indivíduo conforme a sua predisposição em perceber um momento como ameaçador ou não, já a segunda refere-se a determinadas situações que ativam o sistema autônomo gerando, por exemplo, o estado de tensão. A ansiedade, de fato, é experimentada por todas as pessoas ao longo dos eventos da vida e é necessária para a realização de diversas atividades, porém em alto grau, segundo Sadock (2017), pode causar um desconforto acompanhado de sintomas autonômicos como palpitações, aperto no peito, alterações estomacais e inquietação no indivíduo. É importante salientar que esses sintomas variam entre cada pessoa.

Atualmente, uma das principais teorias que têm atribuído um papel central para a ansiedade e que vem sendo adotada pela maioria dos psiquiátricos é a teoria psicodinâmica, além de pesquisas focadas na neurociência e em diversas escolas de pensamento alicerçadas nos princípios cognitivo-comportamentais. Essas áreas de estudo consideram que um alto grau de ansiedade pode levar ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade, os quais estão associados com morbidade significativa e frequentemente possuem prognóstico crônico, além de se configurarem de forma resistente aos tratamentos. (Sadock, 2017).

No campo das ciências psicológicas há três principais escolas de teorias que contribuíram para a compreensão da ansiedade: teoria psicanalítica, teoria comportamental e teoria existencial. Sadock (2017) explica que na teoria psicanalítica, inicialmente, Freud considerava que a ansiedade ocorria devido ao acúmulo fisiológico de libido, contudo acabou reformulando-a como um sinal de alerta para as ameaças do inconsciente. A partir disso, a ansiedade passou a ser compreendida na teoria psicanalítica como o resultado de um conflito psíquico entre os desejos sexuais ou agressivos inconscientes, culminando na mobilização do ego do indivíduo em mecanismos de defesa com a função de evitar pensamentos e sentimentos inconscientes incabíveis que pudessem surgir na percepção do consciente. Outra ideia presente na teoria freudiana é de que a ansiedade produz a repressão, e não a repressão que produz a ansiedade, como outras teorias acreditam.

As teorias comportamentais, conforme Sadock (2017), têm a perspectiva de que a ansiedade é uma resposta condicionada por um estímulo específico do ambiente. É possível compreender essa concepção a partir do modelo de condicionamento clássico, como por exemplo, um filho criada por um pai abusivo pode se tornar ansiosa na presença do pai. Dessa forma, por meio da generalização essa criança pode começar a ter desconfiança de todos os homens. Outro exemplo no contexto das teorias comportamentais acerca da ansiedade pode ser entendido no modelo de aprendizagem social, quando uma criança produz uma resposta de ansiedade ao imitar a ansiedade presente no ambiente em que ela vive.

A respeito das teorias existencialistas, estas proporcionam modelos para ansiedade generalizada no sentido de que não é identificável um estímulo específico para gerar o estado de ansiedade, mas sim que as pessoas experimentam sensações de ansiedade devido ao fato de viverem em um universo sem finalidade. Desse modo, a ansiedade sentida pelas pessoas é uma resposta que ocorre pela falta de sentido na existência e em decorrência do vazio (Sadock, 2017).

Há também contribuições das ciências biológicas para a compreensão da ansiedade. Na perspectiva de Sadock (2017), esse campo de estudo contribuiu para o estudo da ansiedade ao descobrir os três principais neurotransmissores associados à mesma: serotonina, norepinefrina e o ácido aminobutírico. Atualmente, é de conhecimento que um grau de ansiedade elevado está relacionado com o aumento da função noradrenérgica, causando insônia e hiperexcitação autonômica. Os problemas de regulação da serotonina e ácido aminobutírico no organismo também levam à alterações no humor, podendo elevar o grau de ansiedade.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), os transtornos de ansiedade englobam transtornos que partilham de características de medo e ansiedade excessivos, assim como perturbações comportamentais relacionadas. Este manual diagnóstico informa que os transtornos de ansiedade podem ser diferenciados uns dos outros a partir dos tipos de situações ou objetos que desencadeiam estado de medo, tensão, comportamento de esquiva, e também a partir do conteúdo dos pensamentos e crenças associadas que o indivíduo possui. Dessa forma, os transtornos de ansiedade diferem do medo ou da ansiedade no tange ao aspecto adaptativo, pois são excessivos e persistem durante um período de tempo que extrapola o grau apropriado para o desenvolvimento.

Os transtornos incluídos na categoria de transtornos de ansiedade, conforme o DSM-V (2014) são: transtorno de pânico, transtorno de ansiedade social, transtorno de ansiedade de separação, mutismo seletivo, fobia específica, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de ansiedade induzido por substância/medicamento, transtorno de ansiedade devido a outra condição médica e transtorno de ansiedade não especificado. Todos esses transtornos caracterizam-se por um estado de ansiedade excessivo, mas o que os distingue são os critérios diagnósticos para cada um descritos no manual.

Em geral, os tipos de tratamento para os transtornos de ansiedade inclui a farmacoterapia e terapia. As terapias podem ser de diferentes abordagens, mas de acordo com Sardock (2017), as terapias cognitivo-comportamentais têm sido as mais eficazes, e a respeito da farmacoterapia os medicamentos de maior eficácia para casos graves são o Alprazolam e Paroxetina, ajudando na recaptção de serotonina, a qual é uma monoamina neurotransmissora que tem papel importante na patogênese dos transtornos de ansiedade, como foi explicado anteriormente acerca das contribuições das ciências biológicas.

No contexto esportivo a ansiedade é um fator presente em momentos pré-competitivos, competitivos e pós-competitivos, gerando diversas reações nos atletas. Segundo De Rose Junior e Vasconcellos (1997), os atletas podem apreender os momentos pré-competitivos como situações ameaçadoras, com a possibilidade do grau de ansiedade se elevar durante esses momentos e afetar o seu desempenho. De acordo com Bertuol e Valentini (2006), a ansiedade pré-competitiva está associada tanto com fatores biológicos quanto sociais e emocionais, como a idade, a pressão social, o gênero, as expectativas do atleta e o tipo de competição.

As principais reações de um grau de ansiedade elevado antes de uma competição, por exemplo, inclui a fadiga, a dificuldade de coordenação, a agressividade, o desempenho competitivo baixo, os prejuízos fisiológicos e até mesmo o desenvolvimento de transtornos



de ansiedade. No que tange esses fenômenos, a melhor maneira de prevenção contra a ansiedade e suas consequências é a realização de treinamentos psicológicos, sejam como terapias individuais ou intervenções coletivas com psicólogos do esporte.

É importante ressaltar que embora existam muitas teorias que tratam da questão da ansiedade, ainda é escasso o número de pesquisas que tem como objetivo a investigação da ansiedade no contexto esportivo e, mais especificamente, nos momentos de pré-competição dos atletas. Entretanto, percebe-se que há um número maior de pesquisas que avaliam o grau de ansiedade dos atletas em períodos de pós-competição. (Mahn, 2009)

### **Contexto Empírico**

Conforme citado na formulação do problema, foi realizada uma busca nas bases indexadas de periódicos científicos Scielo, Medline, Google Acadêmico e Lilacs, e foram encontradas oito pesquisas sobre a ansiedade pré-competitiva em atletas e sua relação com o gênero. Dentre elas, quatro não encontraram diferença significativa entre homens e mulheres no grau de ansiedade, porém três encontraram maior grau de ansiedade em atletas do gênero feminino do que masculino e uma encontrou maior grau de ansiedade em atletas do gênero masculino do que do feminino. Segue uma descrição destes estudos.

Gonçalves e Belo (2007) realizaram na Paraíba, no Brasil, uma pesquisa correlacional com o objetivo de verificar o grau de ansiedade pré-competitiva no que diz respeito ao gênero e outras variáveis. O estudo foi constituído por uma amostra de 58 atletas do sexo masculino e 47 atletas do sexo feminino, com idades entre 11 e 20 anos. A amostra foi não aleatória, com participantes voluntários e recrutados em seus locais de treino (clubes e colégios). Para a coleta de dados, os atletas responderam individualmente um questionário, com o mínimo de interferências dos aplicadores. O instrumento utilizado para medir o grau de ansiedade dos participantes foi a Escala de Ansiedade Competitiva (Sport Competition Anxiety Test - SCAT), desenvolvida por Martens (1977). Esse instrumento é composto por 15 itens que são respondidos por meio de uma escala do tipo Likert de 3 pontos, e possui considerável evidência de validade e confiabilidade. A análise dos dados foi realizada pelo teste t-Student para amostras independentes, visando verificar se havia diferença significativa, ou não, no grau de ansiedade entre as médias dos dois grupos. O teste t-Student também foi utilizado para verificar a equivalência entre os grupos, acerca das variáveis interferentes, como a idade. Acerca dos resultados, houve diferença estatisticamente significativa da ansiedade pré-competitiva entre os dois grupos (homens e mulheres), com valor de  $p < 0,01$ ; as mulheres apresentaram maior grau de ansiedade pré-competitiva do que os homens.

Com o objetivo de identificar o grau de ansiedade antes da competição em atletas praticantes de atletismo, e verificar a relação do grau de ansiedade com o gênero, De Rose Junior e Vasconcellos (1997), realizaram um estudo no estado de São Paulo, com 81 atletas do sexo masculino e 83 do sexo feminino, com idades entre 10 a 16 anos. Os participantes que constituíram a amostra, não aleatória, foram voluntários e recrutados de acordo com a norma da Confederação Brasileira de Atletismo: infanto-juvenil (até 16 anos). O procedimento de coleta de dados foi um questionário de auto-aplicação e entrevista individual. O instrumento utilizado para medir o grau de ansiedade antes da competição, assim como na pesquisa citada anteriormente, também foi o SCAT. A análise de dados também foi feita com a utilização do teste t-Student, comparando o grau de ansiedade entre a média dos dois grupos, permitindo verificar se havia diferença estatisticamente significativa, ou não, no grau de ansiedade entre homens e mulheres. A partir disso, os resultados demonstraram que houve diferença significativa no grau de ansiedade em relação ao gênero, com valor de  $p < 0,01$ . As mulheres apresentaram maior grau de ansiedade durante o momento pré-competitivo em comparação com os homens.

Martins, Lopes Junior e Assumpção (2004), realizaram uma pesquisa no Paraná, Brasil, para investigar a possível diferença do grau de ansiedade pré-competitiva entre homens e mulheres, praticantes de basquetebol. Esse estudo foi composto por 50 atletas do sexo masculino e 53 do sexo feminino, voluntários. A seleção da amostra foi não aleatória, e os participantes foram recrutados de equipes de basquetebol da categoria cadete no Campeonato Regional Paranaense de Basquetebol. O procedimento escolhido para a coleta de dados foi um questionário de auto-aplicação, com questões abertas sobre a ansiedade em períodos pré-competitivos. É importante ressaltar que essa pesquisa foi feita com dois grupos de atletas do sexo masculino e dois grupos de atletas do sexo feminino, por serem 4 equipes competidoras. O instrumento utilizado para medir o grau de ansiedade foi o Inventário de Ansiedade traço-estado de Spielberger - IDATE (1970), o qual é composto por duas subescalas: A-estado e A- traço. Cada subescala é constituída de 20 afirmações, e os sujeitos são requisitados a descrever, respectivamente, como geralmente se sentem e também como se sentem em determinado momento. Para a análise dos dados foi utilizado o teste de normalidade de Anderson-Darling, verificando se as seguintes análises seriam realizadas com a utilização de estatística paramétrica ou não paramétrica. Em seguida, foi utilizado o teste paramétrico t-Student para verificar se havia diferença significativa, ou não, entre as médias dos quatro grupos. O resultados obtidos encontraram diferença significativa do grau de ansiedade pré-competitiva entre os grupos de homens e mulheres. Os dois grupos de

mulheres apresentaram maior grau de ansiedade em comparação aos dois grupos de atletas do sexo masculino.

As três pesquisas apresentadas acima encontraram maior grau de ansiedade em atletas do sexo feminino, porém havia outras variáveis que podem ter interferido nos resultados obtidos. No estudo de Gonçalves e Belo (2007), por exemplo, um dos objetivos era verificar, além da relação com o gênero, o nível de experiência entre os grupos no que diz respeito ao grau de ansiedade, mas isso não ocorreu, e esta variável pode ter interferido nos resultados. De Rose Junior e Vasconcellos (1997) também não compararam os grupos de homens e mulheres em relação ao número de competições anteriores, a comparação do nível de experiência ocorreu, separadamente, dentro do grupo de homens e dentro do grupo de mulheres. Apesar destas falhas metodológicas, essas três pesquisas tiveram uma amostra maior em comparação às outras pesquisas que serão descritas abaixo.

Barbacena e Grisi (2008) realizaram uma pesquisa também na Paraíba, com o objetivo de avaliar o grau de ansiedade pré-competitiva em atletas de natação. Esse estudo teve uma amostra não aleatória constituída por 21 atletas do sexo feminino e 16 atletas do sexo masculino. Esses atletas participaram voluntariamente e foram recrutados de três clubes diferentes, de acordo com o tipo competição que iriam participar: estaduais e regionais. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário respondido, individualmente, pelos próprios atletas 15 minutos antes da competição. O instrumento utilizado para medir o grau de ansiedade foi o Inventário do Estado de Ansiedade Competitiva (CSAI-2), traduzido e validado por Raposo (2004). Este instrumento é composto por 27 questões que estão divididas em três subescalas: ansiedade cognitiva, ansiedade somática e autoconfiança. Nestas subescalas os sujeitos optam por 4 graus correspondentes ao seu estado momentâneo: 1= nada, 2= alguma coisa, 3= moderado e 4= muito. A análise de dados utilizou o teste de variância (ANOVA) e o teste de Tukey, visando verificar se existiam diferenças significativas entre as médias das subescalas do CSAI-II. O teste t-Student foi realizado para comparar se havia diferença significativa, ou não, no grau de ansiedade entre as médias dos dois grupos. O teste Qui-quadrado foi realizado para comparar as porcentagens obtidas em relação às variáveis categóricas, como os tipos de competições: estaduais e regionais. Os resultados encontraram diferença estatisticamente significativa do grau de ansiedade pré-competitiva entre homens e mulheres. Os atletas do gênero masculino apresentam uma tendência para serem mais ansiogênicos do que do gênero feminino, com valor de  $p < 0,01$ .

Com o objetivo de investigar a relação do grau de ansiedade com o gênero, Bertuol e Valentini (2006), fizeram uma pesquisa no Rio Grande do Sul, Brasil, com 22 atletas do sexo

masculino e 26 do sexo feminino, com idades entre 12 e 16 anos. A amostra foi não aleatória, com participantes voluntários e recrutados de equipes de voleibol e atletismo. O procedimento de coleta de dados utilizado foi um questionário de auto-aplicação, aplicado individualmente. Nesta pesquisa também foi utilizado o instrumento de medida SCAT, com o objetivo de medir o grau de ansiedade dos dois grupos. O teste t-Student foi utilizado na análise de dados, verificar se havia diferença significativa, ou não, no grau de ansiedade entre as médias dos dois grupos. Esse teste também foi utilizado com o objetivo de verificar a equivalência entre os grupos em relação às variáveis intervenientes, como a idade. Os resultados não encontraram diferença significativa entre homens e mulheres no grau de ansiedade.

Silva, Prado e Lofrano-Prado (2010) realizaram um estudo em Pernambuco, Brasil, com o objetivo de identificar o grau de ansiedade em bailarinos durante os momentos de pré-competição, em campeonatos profissionais de dança. Essa pesquisa foi constituída por uma amostra, aleatória, de 17 bailarinos do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Esses participantes foram voluntários e recrutados de acordo com o número de apresentações feitas anteriormente, um dos critérios de seleção foi que todos os bailarinos deveriam ser maiores de idade. Foi realizada, individualmente uma entrevista estruturada para a coleta de dados.. O instrumento de medida utilizado, como na pesquisa de Martins, Lopes Junior e Assumpção (2004), foi o IDATE. Para comparar a média dos dois grupos acerca do grau de ansiedade e verificar se havia diferença significativa, ou não, foi realizado o teste t-Student. O teste Qui-quadrado foi utilizado com o objetivo de comparar as porcentagens obtidas em relação a uma variável categórica: o estado civil. Os resultados obtidos demonstraram que não há diferença significativa no grau de ansiedade entre homens e mulheres, tanto nos escores de ansiedade-estado quanto nos escores de ansiedade-traço.

Para investigar o grau de ansiedade pré-competitiva em atletas universitários, Salles, Oliveira, Barroso e Pacheco (2015) fizeram um estudo constituído por 30 participantes do sexo masculino e 35 do sexo feminino. A principal variável investigada neste estudo com relação ao grau de ansiedade foi o gênero. A seleção da amostra foi não aleatória, os atletas foram voluntários e a forma de seleção ocorreu a partir do levantamento das equipes universitárias existentes na instituição investigada. O procedimento de coleta foi a utilização de um questionário, de auto-avaliação, com questões abertas e questões fechadas sobre ansiedade. Assim como na pesquisa de Bertuol e Valentini (2006), De Rose Junior e Vasconcellos (1997) e Gonçalves e Belo, este estudo utilizou o instrumento de medida SCAT com o objetivo medir o grau de ansiedade pré-competitiva dos participantes. O teste t-Student

foi utilizado para verificar se havia diferença significativa, ou não, no grau de ansiedade entre as médias dos dois grupos. O resultado desta pesquisa não encontrou diferença significativa no grau de ansiedade entre homens e mulheres, com o valor de  $p > 0,05$ .

É importante salientar que nesta pesquisa (Salles, Oliveira, Barroso & Pacheco, 2015), ocorreu o abandono de uma parte da equipe masculina, e esta mortalidade experimental pode ter influenciado nos resultados. Outro problema identificado nesta pesquisa foi a falta de comparação do grau de ansiedade em relação ao tempo de graduação dos atletas na universidade, o que também pode ter influenciado nos resultados. Esta pesquisa deveria ter feito uma análise estatística, por meio do teste t-Student, para verificar a equivalência entre os grupos em relação à variável contínua: período da graduação

Machado, Paes, Alquiére *et al* (2016) também realizaram uma pesquisa, no Paraná, com o objetivo de comparar o grau de ansiedade pré-competitiva entre homens e mulheres, das equipes finalistas da Taça Paraná de Voleibol. A amostra, não aleatória, foi composta por 24 atletas do sexo feminino e 23 do sexo masculino, os quais foram voluntários e selecionados a partir de equipes infanto-juvenis que chegaram na final do campeonato. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário sociodemográfico e entrevista estruturada, a qual incluía questões acerca do tempo de prática e da modalidade esportiva de cada atleta. O instrumento de medida utilizado foi o CASAI-2, a mesma escala utilizada nas pesquisas de Barbacena e Grisi (2008), para medir o grau de ansiedade dos participantes. Foram comparados quatro grupos: as equipes campeãs masculina e feminina com as equipes masculina e feminina vice-campeãs. Foi utilizada a análise estatística do teste ANOVA, com o objetivo de verificar se havia diferença significativa, ou não, no grau de ansiedade entre as médias dos quatro grupos, também foi utilizado o teste de Tukey para julgar se as médias eram iguais ou não, começando a análise pela maior média. O teste t-Student foi utilizado para conferir se os grupos eram equivalentes em relação ao número de competições anteriores. Os resultados não encontraram diferença significativa no grau de ansiedade entre homens e mulheres.

Todos os oito estudos correlacionais descritos foram realizados em contexto nacional, porém os instrumentos de medida foram variados, o que pode ser uma explicação plausível para a contradição de resultados. Outro fato que pode ser percebido, é que apesar de quatro pesquisas (Bertuol & Valentini, 2006; Silva, Prado & Lofrano-Prado, 2010; Salles, Oliveira, Barroso & Pacheco, 2010; e Machado, Paes, Alquiére *et al*, 2016) não terem encontrado diferença significativa no grau de ansiedade entre homens e mulheres, estes estudos utilizaram amostras muito pequenas, isto é, metade do tamanho das amostras dos outros três

estudos (Gonçalves & Belo, 2007; De Rose Junior & Vasconcellos, 1997; e Martins, Lopes Júnior & Assumpção, 2004). Estas três pequenas encontraram diferença significativa no grau de ansiedade entre homens e mulheres, com as mulheres apresentando maior grau de ansiedade, e utilizaram amostras maiores, o que torna a amostra mais representativa da população-alvo. O estudo de Barbacena e Grisi, 2008, o qual encontrou maior grau de ansiedade em atletas homens, também utilizou um tamanho de amostra muito pequeno. Dessa forma, é possível perceber que os diferentes tamanhos de amostra podem ser uma explicação plausível para a contradição de resultados. A respeito destes estudos, nenhum foi realizado na região Centro-Oeste, e no que diz respeito ao instrumento de medida, o mais utilizado foi o SCAT (Martens, 1990).

### **OBJETIVO**

O objetivo geral desta pesquisa será o de investigar se há diferença significativa, ou não, entre homens e mulheres no grau de ansiedade em período de pré-competição, conforme hipótese investigada no modelo teórico de ansiedade.

### **HIPÓTESE, VI e VD**

A hipótese do presente trabalho, conforme o modelo teórico de ansiedade, é de que os atletas durante o momento de pré-competição tem seu grau de ansiedade aumentado devido a diversos fatores, como foi explicado anteriormente. Nesta pesquisa a hipótese refere-se ao gênero, ou seja, o grau de ansiedade em atletas durante o período de pré-competição será maior no gênero feminino do que no gênero masculino. A Variável Dependente (VD) será o grau de ansiedade medida pelo Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), e a variável independente (VI) será o gênero do atleta.

A maioria dos estudos que avaliou o grau de ansiedade em períodos de pré-competição não encontrou diferença significativa no grau de ansiedade entre homens e mulheres, porém utilizaram amostras muito pequenas (Bertuol & Valentini, 2006; Silva, Prado & Lofrano-Prado, 2010; Salles, Oliveira, Barroso & Pacheco, 2010; e Machado, Paes, Alquiere, Osiecki, Lirani & Stefanello, 2016). As três pesquisas, que encontraram maior grau de ansiedade pré-competitiva em atletas do gênero feminino, usaram amostras maiores, com maior representatividade da população-alvo, e tiveram menos falhas metodológicas (Gonçalves & Belo, 2007; De Rose Junior & Vasconcellos, 1997; e Martins, Lopes Júnior & Assumpção, 2004). Dessa forma, uma das justificativas da hipótese é em decorrência de que

as três pesquisas citadas, utilizaram amostras maiores, além do fato de que estes estudos não tiveram mortalidade experimental em nenhum dos grupos participantes. Outra justificativa para a hipótese é de que, conforme a literatura revisada, as mulheres tendem a receber mais pressão do que os homens no contexto esportivo, pelo fato de que muitas competições ainda são enfatizadas no sexo masculino, o que pode culminar em um grau de ansiedade mais elevado nas mulheres (Brustad, 1988).

## MÉTODO

### Delineamento

Este estudo consiste em uma pesquisa do tipo correlacional, na qual se investiga a relação entre variáveis que ocorrem naturalmente. Para a realização dessa pesquisa, será utilizado o delineamento pré-experimental do tipo Comparação Com Grupo Estático (Selltiz et al., 1987), visando verificar a relação entre o gênero e o grau de ansiedade em atletas no momento de pré-competição. Este delineamento tem a seguinte notação:

G1= Grupo de atletas do gênero masculino

G2= Grupo de atletas do gênero feminino

X = Gênero

G1 X O1

O1 e O2 = Escores no BAI

-----

G2 não-X O2

Neste delineamento, são comparados grupos naturais, que já apresentam a variável independente a ser estudada (gênero) e onde os sujeitos não são distribuídos aleatoriamente. Os grupos analisados serão determinados de acordo com o gênero, dessa forma serão dois grupos: um grupo composto por 80 atletas do gênero masculino e o outro, por 80 atletas do gênero feminino.

O delineamento pré-experimental do tipo Comparação com Grupo Estático possui a vantagem de controlar alguns fatores que podem interferir nos resultados, denominados de vieses. Nesse delineamento é possível controlar o viés História (eventos externos ao sujeito que ocorrem simultaneamente à VI e que podem interferir na VD), o viés História interna, (ocorrência de eventos de formas diferentes em cada grupo, interferindo na VD).

Outros vieses, que não são controlados pelo delineamento utilizado, serão contornados por meio de outras estratégias. O viés denominado de Seleção, por exemplo,

pode ameaçar a pesquisa devido ao fato dos grupos serem naturais, não havendo a distribuição aleatória dos sujeitos em cada grupo, o que pode provocar diferenças entre os grupos que explicariam os resultados a serem obtidos quanto à VD. Porém, haverá a tentativa de contornar este viés ao igualar os atletas participantes da pesquisa em relação às variáveis mais pertinentes, conforme a literatura revisada, por exemplo, a experiência prévia no esporte, a faixa etária, etc.

Este estudo consiste, também, em uma pesquisa de corte transversal, uma vez que os dados serão coletados em um único intervalo de tempo (Campbell & Stanley, 1979; Sellitz et al., 1987). Assim, o grau de ansiedade será verificado uma única vez por meio da aplicação dos instrumentos nos atletas.

### **População Alvo**

A população-alvo deste estudo será composta pelos atletas que irão competir na VII Corrida da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Para estabelecer os limites de extensão e obter mais homogeneidade da população-alvo, serão adotados os seguintes critérios de inclusão: atletas de ambos os gêneros, da categoria Adulto. Para evitar a interferência de outras variáveis que possam confundir na interpretação dos resultados, serão excluídos os atletas que estão competindo pela primeira vez, atletas que fazem o uso de psicotrópicos, e atletas que apresentam dificuldades cognitivas para compreender as questões presentes no instrumento de medida.

### **Amostra**

Neste estudo, será utilizado o método de amostragem estratificada do tipo probabilística, contendo dois estratos: atletas do sexo masculino e atletas do sexo feminino. Este método de amostragem permite que a média resultante da amostra tenha maior probabilidade de ser mais próxima da média da população-alvo, e seja mais representativa. Amostras probabilísticas estratificadas permitem a inferência estatística, e nesta amostra os elementos possuem probabilidade diferente de zero de serem selecionados. A Corrida UFSJ abre 200 vagas na competição para a categoria Adulto e desta população, serão feitas duas listas: uma lista com 100 atletas do gênero masculino e outra com 100 atletas do gênero feminino. Posteriormente, serão selecionados aleatoriamente 80 atletas do gênero masculino e 80 atletas do gênero feminino. O critério para decidir o tamanho da amostra, foram as amostras das melhores pesquisas feitas com esta temática, encontradas na literatura.



## **Instrumentos de medida**

Serão utilizados dois instrumentos: uma escala de medida e um questionário sociodemográfico. A escala de medida será o Inventário de Ansiedade de Beck - BAI (Beck Anxiety Inventory), o qual é validado e consiste em avaliar o grau de ansiedade em pacientes psiquiátricos, sendo aplicável também para a população geral. O questionário visa avaliar as características sociodemográficas dos atletas. Esses instrumentos estão descritos a seguir.

**Inventário de Ansiedade de Beck - BAI (Beck Anxiety Inventory):** A versão brasileira desse instrumento foi validada por Cunha (2001), e realizada com grupos de estudantes, trabalhos com pessoas da comunidade, e grupos psiquiátricos e não-psiquiátricos. O BAI é um instrumento de medida composto por um total de 21 itens e 4 subescalas, as quais possuem afirmações que descrevem os sintomas de ansiedade. As subescalas são: neurofisiológica (7 itens), subjetiva (6 itens), pânico (4 itens) e autonômica (4 itens). Estes itens são avaliados pelo próprio indivíduo que os responde. Os itens são: 1) Dormência ou formigamento; 2) Sensação de calor; 3) Tremores nas pernas; 4) Incapaz de relaxar; 5) Medo que aconteça o pior; 6) Atordoado ou tonto; 7) Palpitação ou aceleração do coração; 8) Sem equilíbrio; 9) Aterrorizado; 10) Nervoso; 11) Sensação de sufocação; 12) Tremores nas mãos; 13) Trêmulo; 14) Medo de perder o controle; 15) Dificuldade de respirar; 16) Medo de morrer; 17) Assustado; 18) Indigestão ou desconforto no abdômen; 19) Sensação de desmaio; 20) Rosto afogueado; 21) Suor (não devido a calor).

As opções de resposta referentes à ansiedade estão definidas por um modelo de escala Likert, de 1 a 4 pontos, onde 1= Absolutamente não; 2= Levemente: não me incomodou muito; 3= Moderadamente: foi muito desagradável, mas pude suportar e 4= Gravemente: dificilmente pude suportar. Para obter o cálculo do escore global, é feita a soma total de todos os escores referentes a cada item. A soma total dos escores possibilita classificar o nível global da intensidade da ansiedade avaliada em categorias de intensidade. Para uma pontuação total de 0 a 10 pontos, é considerada ansiedade leve, enquanto de 11 a 19 pontos, moderada, de 20 a 30, severo, e de 31 a 63, grave. A partir da soma total de pontos obtidas neste instrumento, será comparada a média do nível de ansiedade global entre os dois grupos.

A avaliação da fidedignidade do instrumento BAI demonstrou que a escala tem estabilidade temporal, pois por meio do teste de correlação obteve-se uma boa fidedignidade teste-reteste, com os valores de  $r = 0,75$  e  $p < 0,001$  para o intervalo de uma semana. Em uma pesquisa, no Brasil, com estudantes, pacientes psiquiátricos e não psiquiátricos, a escala

apresentou uma boa consistência interna entre os itens, com valores de alfa de Cronbach de 0,93 para a amostra relacionada com TAS e de 0,87 para a amostra composta por universitários.

A respeito da validade de construto, do subtipo nomológica ou teórica, na elaboração desse instrumento houve o propósito de que seus itens fossem representativos do DSM-III em relação aos critérios de diagnóstico. Por meio do teste ANOVA, o qual é um teste de comparações múltiplas, verificou-se que o BAI distinguia três grupos: grupo com queixas psiquiátricas de ansiedade, grupo com queixas físicas e grupo sem queixas específicas. O teste ANOVA apresentou o valor  $F = 329,547$  ( $p < 0,001$ ). O uso do teste Tuckey mostrou que os grupos eram diferentes, quando comparados aos pares. No que diz respeito à validade de traço, para a validação do instrumento, foi feita uma correlação com a versão brasileira do IDATE, a qual apresentou uma relação significativa com valores de ansiedade-traço  $r = 0,78$  e ansiedade-estado  $r = 0,76$ . Em relação à análise fatorial, o manual não informa qual foi o método utilizado, apontando apenas que foi feita uma análise fatorial exploratória com rotação varimax. Foi obtida uma solução fatorial de quatro fatores, com 57,79% da variância total. O primeiro fator inclui a maioria dos itens contidos na subescala neurofisiológica, o segundo fator é constituído pelos mesmos itens que compõem a subescala subjetiva. Entretanto, há diferenças entre o terceiro e quarto fator em relação à subescala pânico e à subescala autonômica. Assim, por meio desses resultados, é possível afirmar que o instrumento de medida BAI possui qualidades psicométricas com boa validade e fidedignidade.

**Questionário sociodemográfico:** Este instrumento avalia as características sociodemográficas dos atletas participantes da pesquisa, tais como gênero, idade, data de nascimento, estado civil, escolaridade, nível socioeconômico, dentre outros. O tópico acerca da avaliação do nível socioeconômico foi elaborado com base na Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) - CCEB (2015/6), a qual realizou pesquisas no Brasil. O questionário também possui questões abertas, as quais avaliam o número de competições anteriores dos atletas e a motivação para a prática do atletismo.

## **Procedimento de coleta de dados**

A coleta de dados será feita pelos estudantes do curso de graduação em Psicologia da UFSJ, que executarão a presente pesquisa. Inicialmente, será realizado um estudo acerca do tema da pesquisa e uma coleta de informações sobre os instrumentos utilizados para obter tais dados. Posteriormente, os pesquisadores serão treinados para a aplicação dos instrumentos, entrevistando sujeitos que não participarão da pesquisa, e em seguida irão a campo selecionar o número de atletas participantes, de acordo com o tamanho definido na amostra.

Para ser feito o agendamento da aplicação dos instrumentos, os atletas serão contatados por telefone, informação concedida pela UFSJ a partir da lista de participantes inscritos na VII Corrida promovida pela instituição. Os participantes receberão, por telefone, informações sobre os pesquisadores e acerca da pesquisa que será feita, como os seus objetivos e os procedimentos a serem realizados. Em seguida, será apresentado o Termo de Esclarecimento e Consentimento Livre (TECL), convidando os atletas para participarem da pesquisa e atestando seu conhecimento sobre os objetivos e as questões envolvidas, tais como, o anonimato, os custos e os riscos presentes.

O BAI e o questionário sociodemográfico serão auto aplicados pelos atletas em duas sessões. Os pesquisadores estarão disponíveis no local para proporcionar o esclarecimento de dúvidas, garantir que todas as questões sejam respondidas e que os instrumentos sejam devolvidos. Os atletas irão responder o questionário um dia antes da competição, quando comparecerem ao local para receberem os seus kits de corrida, e a escala de medida será aplicada duas horas antes da competição. O local de aplicação de ambos os instrumentos será no Campus Santo Antônio da UFSJ, de acordo com a permissão da instituição e dos organizadores da corrida, no horário disponibilizado.

### **Análise de dados**

As análises estatísticas dos dados serão feitas por meio do Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 20.0. Será adotado o nível de significância de  $p < 0,05$  (Levin, 1987) nas seguintes análises:

1- Análise de normalidade dos dados obtidos pela escala de medida de Ansiedade de Beck - BAI (Beck Anxiety Inventory), utilizando o teste Kolmogorov-Sminorv, para verificar se as análises consecutivas serão realizadas utilizando-se estatística paramétrica ou não

paramétrica. Caso seja confirmada a normalidade dos dados, serão utilizadas as seguintes análises descritas abaixo:

2- Análise estatística descritiva para descrever o perfil da amostra, calculando as médias, desvio-padrão e porcentagens.

3- Cálculo das médias e desvios-padrão dos escores globais de ansiedade e dos escores das subescalas da BAI, de cada grupo (homens e mulheres).

4- Análise estatística do teste ANOVA, com o teste post hoc Tukey para verificar se existem diferenças significativas entre as médias das subescalas (neurofisiológica, subjetiva, pânico e autonômica) da BAI, e identificar em quais dimensões haverá maior grau de ansiedade, para cada grupo separadamente.

5- Para verificar a equivalência entre os grupos, acerca das variáveis interferentes tais como, a idade, o nível de escolaridade e o número de competições anteriores, será utilizado o teste t-Student para amostras independentes para as variáveis contínuas. O teste Qui-quadrado será utilizado para comparar as porcentagens obtidas em relação às variáveis categóricas, como o estado civil.

6- Para testar a hipótese, será utilizado o teste estatístico t-Student para amostras independentes, visando verificar se haverá diferença significativa, ou não, no grau de ansiedade entre as médias dos dois grupos.

7- Análise de Regressão Múltipla para identificar os principais fatores associados à ansiedade em atletas, durante os períodos de pré-competição. A variável dependente será o escore global do grau de ansiedade medida pela escala BAI, e as variáveis independentes serão aquelas reconhecidas como significativas nas análises univariadas ( $p < 0,05$ ) e as não significativas que apresentarem o valor de  $p$  entre 0,05 e 0,25, conforme Hosmer e Lemeshow (2000). Esses autores sugerem que as variáveis não significativas que apresentam  $p < 0,25$  devem ser utilizadas, tendo em vista que elas podem se tornar significativas na análise de regressão que será utilizada.

## **Considerações Éticas**

Este estudo será submetido à Comissão de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEPES) da UFSJ para aprovação. A pesquisa será apresentada, também, à Universidade Federal de São João Del-Rei, em uma reunião a ser realizada com os organizadores da VII Corrida UFSJ, para aprovação da pesquisa. A coleta de dados, que será realizada por meio de entrevistas com aplicação dos instrumentos, ocorrerá de acordo com os parâmetros éticos. A participação dos sujeitos será voluntária e a coleta de dados será realizada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os objetivos, procedimentos e a duração da entrevista de coleta de dados serão informados a todos os participantes da pesquisa. Os sujeitos serão informados de que poderão desistir de participar a qualquer momento, sem sofrerem algum prejuízo. O sigilo das informações fornecidas será assegurado e os sujeitos serão informados de que sua participação na pesquisa não ocasionará riscos ou desconfortos. A cada participante, será oferecido um número de telefone da equipe de pesquisa para que eles possam entrar em contato visando tirar possíveis dúvidas e tomar conhecimento do desenvolvimento da pesquisa.

### **Cronograma**

Este estudo terá duração total de 22 meses, sendo realizado entre março de 2018 e dezembro de 2019. A revisão de literatura ocorrerá durante todo o estudo, exceto em dezembro de 2019, que é reservado para preparação de resumos e artigos. Entre os meses de março e novembro de 2018 será elaborado o projeto de qualificação, sendo esta prevista para ocorrer em dezembro de 2018. A pesquisa será submetida para aprovação à CEPES da UFSJ e à direção que organizará a VII Corrida UFSJ. O treinamento dos estagiários, que auxiliarão na coleta de dados, terá duração de 6 meses e ocorrerá entre agosto de 2018 e janeiro de 2019. Terminado o treino, será iniciada a coleta de dados, prevista para encerrar em junho. Terminada a coleta de dados, será iniciada a análise dos dados e descrição dos resultados, com duração prevista de dois meses. Em setembro e outubro de 2019, será elaborada a discussão e conclusão dos resultados. A defesa da dissertação esta prevista para novembro de 2019.

| Ansiedade pré-competitiva em atletas e gênero |      |   |   |   |   |   |      |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|------|---|---|---|---|---|------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Etapas  | 2018 |   |   |   |   |   | 2019 |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|   | M    | A | M | J | J | A | S    | O | N | D | J | F | F | M | A | M | J | J | A | S | O | N |

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Revisão de literatura                   | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Elaboração do projeto                   | X | X | X | X | X | X | X | X | X |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
| Qualificação do projeto                 |   |   |   |   |   |   |   |   | X |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
| Submissão ao comitê de ética            |   |   |   |   |   |   | X |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
| Treinamento dos estagiários             |   |   |   |   |   | X | X | X | X | X | X |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
| Preparação da dissertação de mestrado   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |   |
| Coleta de dados                         |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X | X | X | X | X | X | X |   |   |   |   |   |   |
| Análise dos dados                       |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X | X |   |   |   |   |
| Discussão dos resultados e conclusão    |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X | X |   |   |
| Defesa da dissertação                   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X |   |
| Preparação de artigos com os resultados |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X |

### LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Uma das limitações do presente estudo é que ele consiste em uma pesquisa do tipo correlacional, a qual permitirá apenas identificar o grau de ansiedade pré-competitiva em atletas de cada grupo e comparar seus resultados. No entanto, este tipo de pesquisa não permitirá verificar a relação causal entre as duas variáveis, ou seja, entre o grau de ansiedade e o gênero. O delineamento de Comparação Com Grupo Estático, a ser utilizado, é composto por grupos naturais que são diferentes entre eles com relação às variáveis sociodemográficas constituindo, assim, o viés seleção. Essa limitação limita a validade interna da pesquisa e não permite afirmar a relação causal entre as duas variáveis pois esta relação pode estar enviesada pelo viés dos grupos desiguais (viés seleção). Entretanto, para contornar este problema será avaliado se os grupos são equivalentes com relação às variáveis apontadas pela literatura da área, com o objetivo de minimizar essa limitação.

Outra limitação se refere à dificuldade de generalização dos resultados, tendo em vista que este estudo será realizado com apenas um tipo de modalidade esportiva (atletismo), em uma única cidade e somente em um único evento de competição (VII Corrida UFSJ). Estas dificuldades diminuem a validade externa da pesquisa. Os dados, portanto, serão generalizáveis apenas para a população-alvo do evento esportivo avaliado.

## **RESULTADOS ESPERADOS**

Espera-se identificar, na presente pesquisa, o grau de ansiedade pré-competitiva em atletas do gênero feminino e do gênero masculino. Objetiva-se, também, encontrar os principais fatores associados ao grau de ansiedade em cada um dos grupos de atletas, analisados separadamente. Espera-se, ainda, confirmar a hipótese proposta para esta pesquisa segundo a qual, o grau de ansiedade pré-competitiva será maior em atletas do gênero feminino do que do masculino. Outro resultado esperado é que as informações obtidas, neste estudo, contribuam para o aumento do conhecimento na área, tendo em vista que não há estudos no Estado de Minas Gerais que tenham investigado a relação entre o grau de ansiedade em momentos de pré-competição e o gênero. Espera-se, ainda, que as informações encontradas sejam relevantes para o contexto esportivo dentro da Universidade. Por meio do conhecimento acerca do grau de ansiedade em períodos que antecedem a competição, bem como da relação entre essas variáveis, será possível desenvolver e implementar intervenções no que diz respeito aos eventos esportivos, visando diminuir o grau de ansiedade pré-competitiva dos atletas, diminuindo as consequências geradas pela ansiedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)*. Arlington, VA: American Psychiatric Association.

Barbacena, M. M. & Grisi, R. N. F. (2008). Nível de Ansiedade pré-competitiva em atletas de natação. *Revista Faculdade de Educação Física da Unicamp*, Vol. 6, n.1, pp. 31-39.

Bertuol, L. & Valentini, N. C. (2006). Ansiedade competitiva de adolescentes: gênero, maturação, nível de experiência e modalidades esportivas. *Revista da Educação Física/ UEM*, Vol.17, n. 1, pp. 65-74.

Bisquerra, R., Sarriera, J.C. & Martinez, F. (2004). *Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Artmed.



Campbell, D.T., & Stanley, J.C. (1979). Delineamentos experimentais e quase experimentais de pesquisa. São Paulo: E.P.U.

Chisholm, D. , Sweeny, K. , Sheehan, P., Rasmussen, B., Smit, F. et al. (2016). Scaling-up treatment of depression and anxiety: a global return on investment analysis. Vol. 3, recuperado em 02 de outubro, 2017, de [www.thelancet.com/psychiatry](http://www.thelancet.com/psychiatry)

Cunha, J. A. (2001). Manual da versão em português das Escalas Beck. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Constantino, A. C. S., Prado, W. L. & Lofrano-Prado, M. C. (2010). Ansiedade em bailarinos profissionais nas apresentações de dança. Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Vol. 8, n. 3, pp. 144-155.

Contandriopoulos, A. P., Champagne, F., Potvin, L., Denis, J. O., & Boyle, P. (1994). Saber preparar uma pesquisa. São Paulo: Hucitec Abrasco.

Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, n. 13, pp. 395-417.

De Rose Junior, D. & Vasconcellos, E. G. (1997). Ansiedade-traço competitiva e atletismo: um estudo com atletas infanto-juvenis. *Rev. paul. Educ. Fís.*, São Paulo, 11(2): 148-154.

De ROSE JUNIOR, D. A. (1995). Competição na infância e na adolescência. *Revista Metropolitana de Ciências do Movimento Humano*, Vol. 2, n. 2, pp .6-13.

Gonçalves, M. P. & Belo, R. P. (2007). Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. *Psico-USF*, Vol. 12, n. 2, pp. 301-307.

Interdonato, G. C., Oliveira, A. R., Júnior, C. C. L. & Greguol (2010). Análise da ansiedade traço competitiva em jovens atletas. *Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, Vol. 8, n.3, pp. 1-9

Junior, A. C. Q., Vicentim, J. & Crespilho (2006). Relações entre ansiedade e psicologia do esporte. *Revista Digital*. Recuperado em 16 de outubro, 2017, de <http://www.efdeportes.com/efd98/ansied.htm>

Machado, T. A, Paes, M. J., Alquiére, S. M., Osiecki, A. C. V., Lirani, L. S. et al. (2016). Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, 30(4), pp. 1061-1066.

Mahn, P. A. (2009). O efeito da ansiedade no desempenho de tenistas em competição. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, ano VII, nº 19, pp. 3-6.

Martens, R., Burton, D., Vealey, R. S., Bump, L. A. & Smith, D. E. (1990). Development and validation of the Competitive State Anxiety Inventory - 2. Champaign, IL: Human Kinetics, pp. 117-232.

Martins, J. P., Lopes Júnior, P. F. & Assumpção, R. A. B. (2004). Ansiedade-estado competitiva e basquetebol: um estudo comparativo com atletas do sexo feminino e masculino. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 8 (2), pp. 107-109.

Rapos, J. V. & Fernandes, H. (2004). Análise confirmatória do CSAI-2. Lisboa: Ed da Univ de Tróis-osMontes e Alto Douro.

Salles, W. N., Oliveira, C. C., Barroso, M. L. C & Pacheco, R. W. (2015). Ansiedade pré-competitiva e esporte: estudo com atletas universitários. *Revista da Faculdade de Educação da Unicamp*, Vol. 13, n. 3, pp. 85-100.

Sadock, Benjamin J. ( 2017). *Compêndio de psiquiatria : ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. Trad. Marcelo de Abreu Almeida [et al.], Ed. 11, Porto Alegre: Artmed.

Selltiz, C., Wrightsman, L. S., & Cook, S. W. (1976). *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. (Vol. 1). São Paulo: EPU.

Spielberger, C. (1989). *Anxiety in sports: na international perspective*. New York: Hemisphere Publishing, v. 3, p. 17.

Spielberger C. D; Gorsuch, R. L. & Laushene, R. E. (1970). *Manual for the state-trait anxiety inventory*. Palo Alto: Counseling Psychologist.

Starepravo, F. A.; Reis, L. J. A, Mezzadri, F. M. & Marchi, J. W. (2010) Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.31, n.3, pp. 131-148.

Weinberg, R. S. & Gould. D.(2008) *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: Artmed, 2. ed.

World Health Organization. (2015) recuperado em 02 de outubro, 2017, de [http://www.who.int/mental\\_health/evidence/atlas/mental\\_health\\_atlas\\_2014/en/](http://www.who.int/mental_health/evidence/atlas/mental_health_atlas_2014/en/)

## **ANEXO I - INVENTÁRIO DE ANSIEDADE DE BECK**

Adaptada e validada por Cunha (2001).

**Versão original em inglês:** Beck, A. T. et al. (1988). An Inventory for Measuring Clinical Anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 56: 893-897

- 1) Dormência ou formigamento;
- 2) Sensação de calor; 3
- ) Tremores nas pernas;
- 4) Incapaz de relaxar;
- 5) Medo que aconteça o pior;
- 6) Atordoado ou tonto;
- 7) Palpitação ou aceleração do coração;
- 8) Sem equilíbrio;
- 9) Aterrorizado;
- 10) Nervoso;
- 11) Sensação de sufocação;
- 12) Tremores nas mãos;
- 13) Trêmulo;
- 14) Medo de perder o controle; 1
- 5) Dificuldade de respirar;
- 16) Medo de morrer;
- 17) Assustado; 1
- 8) Indigestão ou desconforto no abdômen;
- 19) Sensação de desmaio;
- 20) Rosto afogueado; 2
- 21) Suor (não devido a calor).

## ANEXO II - QUESTIONÁRIO

### Identificação Geral

Nome \_\_\_\_\_

Data de Nascimento \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_ anos e \_\_\_\_ meses

Naturalidade \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_ Estado (UF): \_\_\_\_\_

Sexo ( ) Feminino ( ) Masculino

Filiação

Mãe \_\_\_\_\_

Pai \_\_\_\_\_

Endereço (Rua, Av., Travessa, Al.) \_\_\_\_\_

No. \_\_\_\_\_ Complemento \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_.\_\_\_\_\_-\_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_ Estado (UF) \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

Contato(s)

e-mail \_\_\_\_\_@\_\_\_\_\_

Tel. residencial ( ) -

Tel. móvel ( ) -

Outros contatos (familiares, vizinhos, trabalho ou outro, descreva)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Estado civil

( ) solteiro(a)      ( ) casado(a)      ( ) divorciado(a)

( ) viúvo(a)      ( ) outro \_\_\_\_\_

|                              |
|------------------------------|
| <p>● <b>Escolaridade</b></p> |
|------------------------------|

( ) Analfabeto/Fundamental I incompleto

( ) Fundamental I completo/ Fundamental II incompleto

( ) Fundamental II completo/Médio incompleto

( ) Médio completo/superior incompleto

( ) Superior completo

• **Renda domiciliar**

- ( ) Um a dois salários mínimos  
( ) Três a quatro salários mínimos  
( ) Cinco e seis salários mínimos  
( ) Sete e 10 salários mínimos  
( ) 10 a 15 salários mínimos  
( ) Acima de 16 salários mínimos

• **Competições**

**Qual o número de competições anteriores que você já participou ?**

---

---

**Quantas competições eram oficiais e quantas eram amistosas ?**

---

---

---

**O que mais motiva você a participar de competições ?**

---

---

---

**ANEXO III**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar de um estudo sobre a relação entre o grau de ansiedade pré-competitivas em atletas e gênero. A responsabilidade por este estudo está a

cargo de Igor Tomé Silva Santos e Pedro Henrique Silva Batalhione, graduandos em Psicologia pela Universidade federal de São João del-Rei.

As melhorias na orientação psicológica para atletas, bem como realização a de treinamentos no contexto esportivo, oferece melhores condições de lidar com a ansiedade em competições, além de melhorias no que se refere ao contexto esportivo, podem decorrer a partir de estudos como este, por isso a importância de sua participação.

Nesse sentido, gostaríamos de contar com a sua colaboração durante aproximadamente 45 minutos para participar de uma pesquisa. A pesquisa, consiste em responder as alternativas do Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) e de um questionário sociodemográfico. É importante dizer que não há alternativas certas ou erradas. Por meio desse estudo, será possível avaliar os sintomas ansiosos durante momentos que antecedem a uma competição e que estão relacionados o gênero, ou não. Vale salientar que esse procedimento não lhe oferecerá nenhum risco ou danos permanentes.

Você também terá acesso a todas as informações que quiser sobre este estudo e poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem que haja nenhum prejuízo. Por fim, vale salientar que você não receberá qualquer valor em dinheiro em razão de sua participação e que seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você ser identificado com um número. Todas as informações prestadas por você são sigilosas e, portanto, ficarão apenas entre nós. A divulgação dos resultados será anônima e em conjunto com as respostas de um grupo de pessoas.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO, APÓS ESCLARECIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou  
(*nome do voluntário*)

ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e como ele será realizado. A explicação que recebi esclarece que minha participação não implicará em nenhum risco para mim. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento,

sem justificar minha decisão e que isso não afetará em nada minha vida. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e que não receberei dinheiro para participar do estudo. Ciente de tudo, Eu concordo em participar deste estudo.

....., ...../...../.....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Documento de identidade

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura dos pesquisadores responsáveis

Caso você queira entrar em contato com uma das pessoas que participam deste estudo, você pode telefonar para Igor Santos ou Pedro Batalhione no número 3379-2469.

Em caso de dúvida em relação a este documento, você pode entrar em contato com a Comissão de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João del-Rei – [cepes@ufsj.edu.br](mailto:cepes@ufsj.edu.br) / (32) 3379-2413.